



JORNAL CULTURAL DE NOVA FRIBURGO - JCNF

Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)
Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho
DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 02

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de junho de 2015

Nº 08

MAIS UM IMORTAL NA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Em sessão solene, dia 8 de maio, 2015, foi recebido o teólogo Ricardo Lemgruber Lobosco, saudado por Hamilton Werneck



Saudado pelo emérito professor, Acadêmico Hamilton Werneck, que lhe enalteceu as qualidades de cidadão e intelectual, assumiu a cadeira número 11, patronímica de Cruz e Souza, o teólogo RICARDO LEMGRUBER LOBOSCO, em sessão solene da Academia Friburguense de Letras, dia 8 de maio de 2015.

Abrindo os trabalhos, o Presidente Robério Canto disse dos propósitos da Academia, de trabalhar pelo engrandecimento de Nova Friburgo, chamando para suas fileiras, pessoas de alto nível intelectual e moral.

A seguir, o Professor Hamilton Werneck proferiu bela alocução, ressaltando cinco aspectos da vida profissional, intelectual e social do novel Acadêmico.

Na sequência, Ricardo Lemgruber Lobosco falou sobre os seus estudos, especialmente no campo da teologia e da linguagem, destacando que a mensagem das palavras vai muito além de seus significados formais, expressando um conteúdo que ultrapassa a cognição habitual... Discorreu também sobre o seu antecessor na cadeira, o Acadêmico Edmo Rodrigues Lutterback, saudoso intelectual membro de várias instituições literárias no estado do Rio e além, e cultor de Euclides da Cunha, sobre quem escreveu livros. Finalmente, abordou a vida

do patrono da cadeira, o escritor Cruz e Souza, muito apreciado pela contribuição que deu ao estudo do simbolismo.

A medalha acadêmica foi entregue por sua esposa, Sra. Márcia, e o Diploma pelo Dr. João Hélio Rocha.

Encerrada a sessão, a AFL ofereceu um coquetel, quando os presentes tiveram a oportunidade de se congratularem e trocarem ideias.



Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

O cantagalense Edmo Lutterbach

Acompanhamos, Papai e eu, a trajetória de vida do Acantagalense Edmo Rodrigues Lutterbach, que nasceu na mesma fazenda em que veio à luz o grande escritor Euclides da Cunha.

Publicamos, em nosso jornal O NOVO CANTAGALO, notas sobre acontecimentos marcantes da vida desse amigo, inclusive sua formatura como advogado e nomeação para cargo na Justiça do Estado.

O fato de Euclides da Cunha ter nascido na Fazenda da Saudade, propriedade do pai de Edmo, foi, certamente, importante em seu propósito de estudar a obra e a vida do escritor. E ele o fez com o mesmo ímpeto com que abraçou a carreira do Direito, chegando a um alto patamar em ambas as atividades.



Edmo Rodrigues Lutterbach, ano 2004, em solenidade na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, em reportagem de Niterói Cultural. (Foto NITCULT).

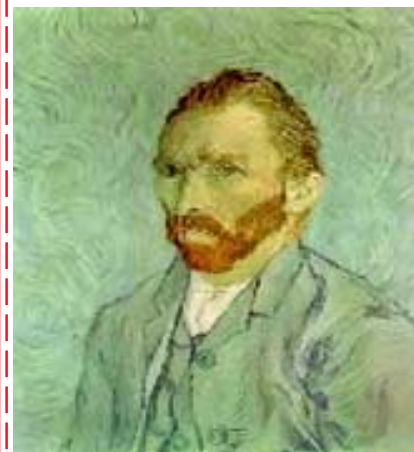
Quando eu residia em Cantagalo e atuava no jornal, sendo ainda muito jovem, Edmo Lutterbach já palmilhava a senda do estudo superior. Lembro-me que ele às vezes passava defronte à nossa casa e redação do jornal, sempre muito educado e solícito, porém mantendo aquela sobriedade que o acompanhou por toda a vida.

Edmo era comedido e respeitador, sendo considerado um modelo para quem pensasse em como gostaria de ver um filho se comportando em sociedade. Manteve esse comportamento por toda a vida. Elegante e sóbrio, jamais se permitiu um deslize que viesse a denegrir sua impecável imagem!

Escreveu vários livros sobre Direito e sobre Euclides da Cunha, participando com brilho de academias de letras, notadamente em Niterói, onde dirigia a Academia Fluminense de Letras.

Com o nosso Niterói Cultural, o primeiro jornal on line do estado do Rio de Janeiro, cobrimos muitos eventos literários, sendo que em vários estava atuante o Dr. Edmo, que, além de emprestar o brilho de seu talento a organizações de Niterói e da cidade do Rio de Janeiro, colaborou com outras instituições culturais, como a que em homenagem a Maria Sabina, mantém, em Niterói, a brilhante artista Neide Barros Rêgo.

VINCENT VAN GOGH, MESTRE NA PINTURA E NA FILOSOFIA...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades. mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

VAN GOGH E A LITERATURA

Vem da edição anterior

Van Gogh comparou o sombrio naturalista Richepin com o irônico Guy de Maupassant e concluiu: 'Prefiro mais Guy de Maupassant a Richepin, por ser mais consolador'.

Foi esse consolo que ele viu em seus últimos dias, e usou a literatura (e a arte) para achá-lo. Ele empregou não somente trabalhos leves como *Bel-ami* de Maupassant e novelas como *Tartarin* de Alphonse Daudet para tornar sua existência suportável, mas também peças de densa história, de Shakespeare:

'É tão vívido quando alguém pensa que os conhece e então vê.' Não menos típico o fato de que ele retornava para os trabalhos de Charles Dickens que havia lido tantas vezes quando era jovem. As coisas familiares do passado tinham que ajudá-lo a prosseguir, quando sua fé na sociedade e nele próprio como artista estava falhando. Qualquer pessoa que se pergunte se arte e literatura tem alguma importância, encontrará um sonoro **sim** nas cartas de Van Gogh

(Traduzido e condensado de Van Gogh Gallery of Art por SABC)

Continua na próxima edição...

UM QUADRO DE VAN GOGH

Mountainous Landscape Behind Saint-Paul Hospital

Vincent van Gogh - Óleo sobre tela. Local: Saint-Rémy: Junho, 1889 - Copenhagen, Dinamarca.



ENCONTRO FESTIVO DE ACADEMIAS DE LETRAS DE NITERÓI E NOVA FRIBURGO

Em sessão solene, dia 30 de maio, 2015, na sede da AFL foi homenageado postumamente o escritor Edmo Rodrigues Lutterbach, presentes membros de duas academias de letras.



MESA DIRETORA DOS TRABALHOS - Padre Luiz Claudio de A. Mendonça, Antonio Vitiello, Eneida Fortuna Barros, Robério Canto, Franci Machado Darigo, Maria do Carmo Lutterbach, Tereza Cristina Malcher.

Momentos de conagraçamento e revivência de antigas amizades marcaram a reunião conjunta das Academias Friburguense e Fluminense de Letras. Abertos os trabalhos pelo presidente Robério Canto, usou da palavra o Acadêmico Antonio Vitiello, que saudou os visitantes e com sua rica vivência, relembrou fatos e pessoas que trabalharam em ambas as instituições e trocaram ideias e nobres sentimentos durante muitos anos. Na sequência vários intelectuais se manifestaram. (Pág.4)



Robério Canto, presidente da Friburguense, e Eneida Fortuna Barros, Vice da Fluminense, falaram sobre suas organizações, enaltecendo o valor do intercâmbio que se estabelecia na feliz ocasião.



FRANCI MACHADO DARIGO (ao lado do presidente Robério) proferiu sua palestra sobre o saudoso colega acadêmico Edmo Rodrigues Lutterbach.



MÁRCIA PESSANHA (ao lado do padre Luiz Cláudio, vice-presidente da AFL) representou a Academia Niteroiense de Letras, da qual é presidente.



NEIDE BARROS RÊGO, (esquerda) do Centro Cultural Maria Sabina, proprietária desse importante espaço cultural em Niterói, além de acadêmica que conviveu em muitos eventos com Edmo Lutterbach, falou sobre o homenageado. LEDA MENDES JORGE (direita) percorreu sobre as atividades da ANE, Associação Niteroiense de Escritores, da qual é a atual presidente.



ENCONTRO FESTIVO DE ACADEMIAS DE LETRAS DE NITERÓI E NOVA FRIBURGO

Vem da pág. anterior

A memória de EDMO RODRIGUES LUTTERBACH foi exaltada por todos, que relembrou fatos de sua vida, seu trabalho, sua obra no campo literário e jurídico. Apaixonado por literatura, tinha uma extensa biblioteca e filiou-se a várias instituições. Seu entusiasmo alavancou o progresso de várias delas. E seu passamento representa um rude golpe à vida cultural fluminense.

ASPECTOS DA REUNIÃO



Walmir, Neide, Leda Mendes Jorge, Elmir, Marcia Pessanha, o jornalista Erthal Rocha e outros acadêmicos e amigos das Academias Fluminense, Niteroiense e Friburguense de Letras.



Juber Baesso declamou o poema Fazenda da Saudade, de autoria de Edmo Rodrigues Lutterbach. Ei-lo, ao lado dos acadêmicos Pe. Luiz Cláudio, vice-presidente da AFL e Antonio Vitiello.



Walmir, Neide, Juber Baesso e sua esposa, e Rosa Maria, vice-presidente deste jornal, em animada conversa, durante o coquetel de encerramento.



Após a cerimônia, foi oferecido pela AFL aos seus convidados, um coquetel, ocasião em que os participantes puderam conversar e se congratularem descontraidamente.

GRATO MOMENTO NA VIDA DE EDMO LUTTERBACH



O acadêmico Sebastião Carvalho cumprimenta o amigo aniversariante e transmite-lhe mensagem do amigo comum, Carlos Mônico, que não pode comparecer à festa, na Fazenda Mont Vernon. (Foto Nitcult)



EDMO RODRIGUES LUTTERBACH recebeu amigos e parentes, em sua Fazenda Mont Vernon, para a comemoração de seu aniversário, em 15/10/2005. Na foto, diante do bolo. (Foto Nitcult).



NESTA página vamos abordar as vidas e obras de vultos que deixaram marcas positivas na vida do Município de Nova Friburgo. São pessoas que construíram exemplos dignificantes de amor à terra e ao povo, e que por esta razão devem ser para sempre lembradas com carinho, respeito e admiração.

Dermeval Barbosa Moreira

13/08/1900 - 06/05/1974

Matéria do Centro de Documentação D. João VI - Pro-Memória de Nova Friburgo
adaptações pela redação do JCNF

Dr. Dermeval Barbosa Moreira Nascido em Conceição de Macabu em 13 de Agosto de 1900, filho do comerciante Manoel Alves e Dona Ana Barbosa Moreira. Estudou em colégios de Cordeiro e Nova Friburgo. Em 1918 foi cursar a Faculdade de Farmácia na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, regressando depois à sua cidade natal.



Em Conceição de Macabu, casou-se com Regina Tassara Moreira, abriu uma farmácia. Mudou-se com a esposa e os 3 filhos (Derly, Vanor e Maurício) para Niterói, onde cursou a Universidade Federal Fluminense, formando-se em 1931 na primeira turma da Faculdade de Medicina.

Porque em Niterói teve anos difíceis, voltou a Conceição de Macabu, e abraçou a clínica geral como atividade. Permaneceu lá por mais 3 anos.

Veio para Nova Friburgo em 31 de Maio de 1934. No ano seguinte enfrentou seu primeiro desafio, a epidemia de tifo, tendo que atender a mais de 150 pacientes. Começou a clinicar na antiga Farmácia Santa Terezinha e no consultório particular instalado inicialmente na Rua Oliveira Botelho, nº26.

Depois, mais tarde, atendia em seu consultório no Edifício União, na Praça Getúlio Vargas, pessoas de diferentes condições financeiras. Numa sala, fazia consultas particulares e por outra sala, as pessoas que ficavam na fila no corredor que não podiam pagar. Para cada cliente que pagava, atendia, em média, de 3 a 4 pessoas sem recursos. Paralelamente às atividades de Médico, foi presidente do Plano Nacional de Saúde, secretário da Companhia Telefônica, diretor superintendente da Casa de Saúde São Lucas, fundador do Pronto Socorro que funcionou na Rua Gal. Osório (Hoje Colégio Modelo) sócio fundador da Clínica de Repouso Santa Lúcia e do Hospital São Lucas. Também construiu o prédio do Colégio Nova

Friburgo, da Fundação Getúlio Vargas. Era um homem comum, humilde e despretensioso, mas exigente com sua aparência. Gostava da música de Chopin, da Euterpe Friburguense, torcia pelo Flamengo e adorava quindim. Um homem grandioso.

O falecimento do Dr. Dermeval, em 06 de Maio de 1974, uma 2ª feira chuvosa, às 17:30h, no Hospital São Lucas no Paissandu, vítima de sub-oclusão intestinal, foi uma perda difícil para a cidade.

As aulas foram suspensas e o prefeito Amâncio Azevedo decretou luto oficial por 7 dias. Seu corpo foi velado na Catedral de São João Batista e foi carregado nos ombros por populares pela Av. Alberto Braune. Mais de 60 mil pessoas acompanharam o féretro, do alto dos edifícios o povo chorava a última passagem do Médico dos pobres, que levou mais de 1 hora até o Cemitério de São João Batista.

Tem seu nome em uma das principais praças públicas do centro da cidade, que passou a denominar-se Praça Dermeval Barbosa Moreira, em Setembro de 1974.



Na mesma praça foi inaugurada uma estátua em 13 de Agosto de 1976. (foto à esquerda).

Em Setembro de 1975 foi inaugurado pelo então prefeito Dr. Amâncio Mário de Azevedo o Colégio Municipal Dermeval Barbosa Moreira, em Olaria.



Impressões

Minhas primeiras impressões sobre religião começaram na infância. Apesar de meus pais não terem sido muito apegados ao catolicismo, eu e meu irmão fomos batizados e fizemos a Primeira Comunhão. Até os meus 12 anos, participei da igreja do bairro, ajudava nos preparativos da missa, do presépio no Natal e, por muitas vezes, fui anjinho na Coroação de Nossa Senhora. “Eu era feliz e não sabia”!

Não por conta de meus pais, que eram mais esclarecidos, mas na convivência religiosa da vizinhança, cedo se aprendia que Jesus possuía olhos azuis, uma aparência tida como bonita e meiga. Os anjinhos, todos lourinhos, de cabelos encaracolados, cuja delicadeza das figuras destoava das nossas peripécias de rua. Deus, com seu manto aveludado, barbas longas, no próprio livrinho de catecismo, ora parecia terno, outras vezes, austero e repressor. E o satanás, esse era vermelho, instigante, com seu garfo enorme, a sussurrar maus instintos nos ouvidos, desvirtuando os caminhos.

Para amedrontar as crianças, diante de uma trovoadas, era só dizer: “Papai do céu está zangado!” Pior ainda, quando chovia: “Papai do céu está triste... olha como Ele está chorando!” Era essencial também que as crianças, para a comunhão, “se confessassem”, entregando ao padre, os pecados. Quantas penitências pela desobediência à vovó! Cada “malcriação” era motivo de um confessionário. Com toda essa simbologia, era mágico possuir um anjinho da guarda, muito individual, muito nosso. Na plenitude infantil, nós tínhamos a certeza de que não podíamos pegar as coisas às escondidas, porque Deus estava vendo tudo e castigava os desobedientes. Algumas daquelas mães, mais fervorosas, investiam pesado nos argumentos: “Papai do céu está vendo essa pirraça toda e não vai mais gostar de você!”.

A educação se dava entre o medo, a obediência e a imaginação. Eram os primeiros sinais de disciplina e, certamente, nada foi em vão, porque fundamentava um mundo invisível a ser desvendado, explorado. Enquanto isso, a passagem do tempo nos dava a chance de crescer as asas, para alçar o voo dos questionamentos. A essas alturas, já líamos adesivos em carros de que “Deus é tremendo”, “Deus é fiel”.

Na fase adulta, personalizando as ideias, passei a interpretar conceitos, abrindo horizontes para as buscas e não achei o Deus nas alturas, mas me pareceu mais perto, dentro do coração. Eu não apontava para o céu, mas para mim. Não era mais o Deus de uma forma humana, mas uma energia cósmica, transcendente, permeando a vida, em todas as manifestações. A interpretação não tinha mais um vínculo religioso, muito menos o sentimento de que “Deus é brasileiro” ou outros clichês massificados.

Não mais seria admissível Lhe atribuir os porquês, as razões, porque a essência de Sua manifestação estava entranhada no ar, no gole de água, na fome, na miséria, no belo, no feio, na paz, na guerra, no tudo, no nada... Não mais Lhe escreveria cartas, recados, bilhetes... Não mais Lhe mandaria novenas, centenas nem milhares de oferendas... Não mais Lhe proporia negócios, barganhas, promessas... Nem subiria, de joelhos, os mais de 3 mil degraus do Chand Baori, para impressionar-Lhe em ofertas...

No sentimento mais amplo, qualquer tentativa de definição limitaria a sensibilidade. Qualquer explicação se perderia no indefinível. Não mais seria discutível, apenas, secretamente, uma energia sentida do meu modo.

Estudar o Homem para conhecer Deus

Sebastião A.B. de Carvalho

SE os estudiosos ainda não chegaram a uma conclusão sobre Deus, é devido a que não estudaram de modo adequado e eficiente o próprio Homem!

DADA já foi, de há muito, a chave para a compreensão do Mais Alto: “Homem conhece-te a ti mesmo, que desvendará os mistérios e verá a Deus”. Aí está a chave, com as palavras que achei agora, mas não faltei à veracidade do conceito...

ENQUANTO insistirem em usar o método científico, materialista, para estudar os mistérios da vida e do Além, todos incorrerão em erro.

EM minha METASOCIOLOGIA ESOTÉRICA, tentei ajudar, procurando fazer uma conexão entre conceitos sociológicos e conceitos esotéricos. Não sei se consegui. Mas estou pronto a continuar tentando!...

CONTEI com minha dupla formação, de sociólogo e de iniciado maçom e rosacruz, além de estudante da filosofia Vedanta. Pelo menos laboro com boa vontade e persistência.

IMPORTANTE, penso, é considerar o HOMEM de modo integral, como um SER que existe muito além de sua materialidade. Já se disse, e não foi nenhum principiante, mas alguns Grandes Iniciados, que “O Homem é Deus”!

OBJETAM sempre, pessoas que não conseguem ver a Realidade Humana, presas que estão às paixões e fraquezas de muitos indivíduos... Esquecem-se das excelsas qualidades dos santos e de tantos benfeitores que já dignificaram e purificaram o planeta!

MAS o Homem não é o horror que o noticiário mostra, mas um SER que tem um destino grandioso, tão maravilhoso que ainda não conseguiram, muitos dos estudiosos, sequer vislumbrar esta grandeza!



Certas pedagogias são sádicas

Li em artigo recente um indigenista afirmar que os índios não batiam nos filhos. Mas, infelizmente, sacrificavam crianças quando suas mães morriam após o parto, costume que na década de sessenta grassava entre os irantches, no Mato Grosso.

Os castigos físicos chegaram com os europeus. Tanto a educação católica, quanto a educação protestante admitia esta prática. O auge do rigor ocorreu na escola de Port Royal, onde os jansenistas aplicavam uma pedagogia sádica. Qualquer falha era motivo de castigo.

A escola dos jesuítas de Lisboa, no século XVI ainda usava o açoite com varas para corrigir alunos faltosos. Um detalhe: quem aplicava os castigos eram os leigos, nunca os religiosos.

Surpreso ao constatar que a palmatória existia em alguns estados brasileiros na década de oitenta, aumentei minhas consultas para concluir sobre sua verdade. E, pior ainda, numa reunião recente ouvi de uma secretária de educação que ainda há esta prática em algumas ilhas do arquipélago amazônico, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Conheci colegas de trabalho no início de meu magistério que eram famosas pelos beliscões que aplicavam em sala de aula. Minha mãe contava que dona Liberalina, no auge de sua autoridade, mantinha a palmatória dependurada na parede, como símbolo, porém, nunca a usara. Ela dá o nome à escola onde fiz meu curso primário.

Muito estranha foi a intervenção de um jornalista catarinense defendendo o uso da cinta como o melhor método educativo que os pais deveriam usar em seus filhos. Ouvindo o programa pensava estar em Esparta com sua educação militar na antiga Grécia.

Não longe estava a educação religiosa dos conventos, em que o silício era usado várias vezes por semana como participação nos sofrimentos de Cristo. Enfim, sentir uma dor menor que o Redentor. Era uma ascética que confundia pelo fato de desacreditar a redenção. Afinal, o Redentor redimiu ou não? Monges e religiosos, assim como religiosas usavam pequenos chicotes para se açoitar e peças de arame com pontas rombudas para machucar as pernas e os braços.

O pior desta pedagogia é que estes instrumentos eram feitos pelos próprios usuários. Proponho à sua imaginação ver alguém preparando um açoite para usar contra si mesmo! Creio que a psicologia trataria este caso como de neurose não tão branda. Crianças eram obrigadas a se ajoelhar em carços de milho, ouviam gritos quando desobedeciam.

Depois do ECA (estatuto da criança e do adolescente), muitos professores e educadores que usavam estas metodologias ficaram frustrados afirmando não ter mais meios para controlar as turmas. Outros, não educadores, julgavam que este estatuto só defenderia os “bandidos” contra a sociedade instalada no poder. Na verdade tratava-se de uma revolta por estar ficando cada vez mais difícil submeter as pessoas com menor força política, social e econômica.

Facilmente e fartamente, a violência física foi sendo substituída pela violência velada. Veja o que poderia surgir na imaginação dos alunos se o professor dissesse que faria uma pergunta sobre a lição e que, para tanto, escolheria um para respondê-la. Construa em sua mente a imagem deste professor andando pausadamente pela sala afirmando que a pergunta era fácil, mas quem não soubesse a resposta poderia ser considerado o mais burro de todos os colegas.

Qual o resultado do aprendizado de quem permanece em sala de aula, diariamente, por umas quatro horas e meia sob o regime desta violência velada?

Quando, em minhas palestras, faço esta experiência muitos olham para qualquer lado, menos para o palestrante. Confessam, em sua maioria, terem sentido medo. A violência velada machuca por dentro e suas consequências são imprevisíveis.

Nossa civilização fez e faz sentir dor, com as mais variadas justificativas. A pior delas é quando se diz que se trata do “bem da criança”. Bem presente e bem futuro!

Assim age a pedagogia troglodita que nem sabe o que é psicologia, motivação, colaboração, afeto e reconhecimento de valores.

A disciplina escolar deve existir sob um comendo de um pulso forte e de um coração que ama, para copiar um título de um livro de meu amigo Içami Tiba. A disciplina no lar deve basear-se na autoridade através da sintonia entre as partes que educam. Se o pai discorda da mãe, os filhos serão deseducados.

Por fim, desembocamos numa outra lei recente, maldosamente apelidada de “lei da palmada”. O que a lei fala é da proibição de infligir dor. Então, inventaram modos de colocar a lei em ridículo. Dizia-me um psiquiatra que a palmada pedagógica que não inflige dor, deve ser aplicada de baixo para cima. A criança recebe mais força que qualquer outra coisa, percebendo que há algo mais forte na redondeza.

Quando, em São Paulo, foi realizado um grande julgamento de um casal que supostamente causou a morte de uma criança, a televisão mostrou radiografias em entrevista com pediatras de causar pavor. Crianças com múltiplas fraturas e, a que mais me chocou: a bundinha de uma criança de três anos e meio, com uma queimadura arredondada, causada por ter sido sentada na chapa do fogão. Motivo: urinar na cama!

Nesta época, segundo dados antes desconhecidos, 500.000 crianças no Brasil eram vítimas de violência grave. Estes dados referem-se ao que foi registrado. Esta pedagogia elaborada para que o educando sofra inclui uma grande imbecilidade. À época da escravidão, a falta de visão do senhor de engenho fazia com que capatazes batessem e até mutilassem escravos, a mais barata mão de obra para estes senhores. Mutilados, tinham a própria força de trabalho diminuída. Leitura fácil: prejuízo para o patrão e dono de terras.

OS INVÓLUCROS DO SER

OBRA DE MAHABHUTANI E INDRANANDA, INSPIRADOS POR SRI RAMANA

MAHARSHI - AQUI PUBLICADA EM CAPÍTULOS MENSIAIS

3- A Mente

A Mente é tão poderosa e importante que até existe uma corrente de pensamento esotérico denominada Mentalismo. O principal axioma dessa corrente é: “*Nada existe no mundo material que não tenha sido engendrado no plano mental*”.

Isto é útil quando se buscam resultados no plano material, sendo a base da magia. Todavia, o Discípulo da Nova Doutrina não está intrinsecamente interessado no material, e sim na transcendência de todos os planos — na busca da Realidade do Ser.

Para melhor entendimento, dividimos a Mente em *consciente* e *subconsciente*. Na *Mente Consciente* está o *Intelecto*, e na *Mente Subconsciente*, o *Intelecto Inconsciente*. *Mente Consciente* é a que atua no estado de vigília, e, quando queremos meditar, ela trabalha na limpeza de si mesma, lançando fora todos os pensamentos, frutos dos sentidos e de ideias arraigadas. Assim, conseguimos meditar, atingindo a Realidade!...

E podemos fazê-lo mesmo quando ocupados com afazeres cotidianos, inclusive andando nas ruas e bosques!... Importante é que, apesar de estarmos em movimento, a Mente esteja aquietada e livre...

“*Mens sana in corpore sano!*” Este o axioma latino que afirma a necessidade de se cultivar a mente, mantendo-a sã, num corpo também saudável...

Designa-se como *Mente Subconsciente* a que atua fora do plano da vigília, embora algumas vezes aflore das profundezas, realizando coisas aparentemente desconhecidas!... Conhecemo-la quando vemos o Iniciado fazer verdadeiros prodígios ou *milagres*, inexplicáveis pela lógica da *Mente Consciente*!

O trabalho do Iniciado consiste em fazer ligações entre os dois estratos ou camadas da Mente, trazendo para o nível consciente, elementos importantes e úteis da *Mente Subconsciente*.

Os Intelectos já mencionados, das Mentes Consciente e Subconsciente devem trabalhar em harmonia. Quando não o fazem, dá-se a loucura! Podemos, na verdade, usando o Intelecto Consciente, elaborar teorias, analisar obras e realidades diversas, e até contribuir para o progresso científico e cultural da Humanidade.

Nossa capacidade de, com o Intelecto Consciente, buscar nas profundezas da Mente, os ensinamentos aí depositados durante várias encarnações, capacita-nos a realizar grandes feitos, em proveito próprio e da coletividade.

Este é o modo positivo de fazer com que se relacionem harmoniosamente ambos os Intelectos. Mas é através da Meditação que transcendemos os Intelectos, atingindo finalmente à Realidade Maior.

CONVERSANDO COM O MESTRE

1- Disc. = Como atua a Mente sobre o Ego?

Mestre = A Mente é a grande moldadora de tudo, inclusive do Ego. As

ideias nela elaboradas influenciam o Ego, plasmando-lhe o caráter. É por essa razão que o Discípulo deve procurar dominar a Mente, pois que assim fazendo também o conseguirá em relação ao Ego.

2- Disc. = Como atua a Mente na Meditação?

Mestre = A Mente é o grande obstáculo a ser vencido pelo Discípulo. A meditação consiste em fazer parar o fluxo contínuo de pensamentos que ela produz... Todavia, trabalhando com a Consciência e a Vontade pode-se reverter o processo, fazendo com que a Mente se volte para dentro de si mesma, onde o vazão de pensamentos mostrará a Realidade.

3- Disc. = Como atua o Intelecto no Caminho do Discípulo?

Mestre = Temos aqui mais um obstáculo a ser vencido e posto a serviço da evolução consciente! O Intelecto é um repositório de ideias, teorias, enfim, pensamentos, alguns bem estapafúrdios, esquisitos, escória que serve apenas para atrasar a Caminhada! Há também ideias aproveitáveis, teorias interessantes, que podem servir para ajudar... até certo ponto!... Mas livrar-se da tirania do Intelecto é uma magna tarefa que o Discípulo deve empreender, se quiser dominar a Mente e alcançar a Sabedoria!

4- Disc. = Qual a diferença entre *Mente Consciente* e *Mente Subconsciente*?

Mestre = Muitas vezes sentimos um impulso para agirmos de certa forma, aparentemente inexplicável, mas que acaba dando certo! Às vezes passamos até a incorporar os ensinamentos daí advindos! Pois este agir atende a comandos da *Mente Subconsciente*, que não são compreendidos pela *Mente Consciente*. Estão num substrato mais profundo, que o Intelecto (agente da *Mente Consciente*) não abarca!

5- Disc. = Na *Mente Subconsciente* é que temos as fases do sono. Quais são?

Mestre = O *sono profundo* é a mais importante, porque estamos totalmente desligados, em termos de consciência, do mundo material. Já *quando sonhamos*, usamos imagens conhecidas no *estado de vigília*, algumas antigas, outras recentes, com as quais fazemos várias elaborações. Quando o sono não passa de um leve repouso, estamos recarregando nossas baterias e prontos para um despertar ou para cairmos novamente num sonho ou na profundidade maior do sono. É nesse sono profundo que nos aproximamos do Ser, embora ao despertarmos não tenhamos disso consciência, nem lembrança!...

6- Disc. = No *sono profundo*, chegamos ao Samadhi?

Mestre = Isso depende do estado momentâneo do indivíduo, e de seu grau evolutivo. Um Discípulo bem adiantado pode viver praticamente em *Samadhi*, tanto no *sono profundo* como até no *estado de vigília*!

7- Disc. = O que é “estar em Samadhi”?

Mestre = É estar na bemaventurança do Ser. É estar livre dos condicionamentos da matéria, dos apegos da vida mundana, voltado apenas para o seu Íntimo. A Mente, subjugada pela Consciência Superior do Discípulo, destrói totalmente o Ego, a Personalidade, deixando-se repousar na magnitude do oceano do Ser!...

Vem da página anterior

Certas pedagogias são sádicas

Outra insensatez nos chega pela polícia. Por vezes, contra a lei, batem tanto nos presos que chegam a matá-los. Acabam não desvendando crimes porque eliminam testemunhas dos fatos.

Em Angola há uma lei que proíbe aos professores baterem nos alunos. No entanto, a violência física existe e as famílias em grande parte aprovam estas práticas. Trata-se da Lei 13 daquele país.

Os humanos desde os tempos do tacape e bordunas, vivendo em cavernas e sobrevivendo graças à força do próprio corpo, usando os movimentos micromotores apresentaram esta faceta violenta em relação aos seus semelhantes. No decorrer da história humana, mesmo havendo mudanças nos métodos, os maus tratos físicos e psicológicos permaneceram com uma capa de sofisticação.

Um internato que frequentei na década de cinquenta tinha uma atividade recreativa que envolvia o uso de um pedaço de tecido formando um pequeno chicote de pano. Sendo costurado, podia machucar quando usado

para bater em outro adversário. Alguns alunos desenvolviam um sadismo condenável que não era levado em conta pelos orientadores porque, à época, essa experiência de sentir dor, era imaginada para enrijecer o caráter. Alguns molhavam este tecido e, em consequência a dor era maior. Outros, mais violentos, molhavam e passavam o tecido no chão arenoso. Assim chegavam a tirar sangue dos braços e canelas dos colegas. A orientação era a de brincar sofrendo ou sofrer brincando, para tornar-se uma pessoa de caráter rígido. Não me lembro de pessoas que se tornaram violentas por causa dessas práticas. Apenas penso que se tratava de uma pedagogia que poderia treinar monstros. A educação do afeto levando ao equilíbrio na convivência humana deixava muito a desejar e, o pior, é que estes comportamentos e desejos neuróticos ainda permanecem, criando desejos em torno de seu retorno. Não só algumas pedagogias são sádicas, alguns pedagogos também o são.

Professor Hamilton Werneck é pedagogo, escritor e palestrante.
www.hamiltonwerneck.com.br



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

O grande mistério (Do livro “Vento nas casuarinas” “O fim do mundo”)

Um militar presente ordenou que as crianças se retirassem, a coisa ia ficar feia de se ver, avisou, montado em sua experiência de muitas batalhas nunca disputadas.

Quando Afonso chegou, já havia dois. Olhos espetados no alto. Os dois como quem espera o aparecimento do carro divino visto pelo profeta Ezequiel, a queda de um disco-voador ou, pelo menos, a vinda do Super-Homem em pessoa. Teve vontade de perguntar o que procuravam no alto do edifício em frente ou nas nuvens, mais adiante. Calou-se, porém, ao perceber a concentração em que estavam os dois. Talvez se tratasse de qualquer coisa estranha de repente surgida no céu, pensou, e resolveu vigiar também.

Dali a pouco um mulato também parou, com sua pesada pasta. Olhou para o alto e, menos discreto, perguntou: Que que foi? Mas sem dirigir a pergunta a nenhum dos três em particular. O quinto a chegar foi um molecote com uma bandeja de pasteis. O mais certo é que tenha parado para oferecer sua mercadoria, mas logo espichou o pescoço e puxou pela manga do mulato: Quequió? — quis saber. Parece que alguém vai se jogar lá de cima, respondeu o outro, apontando para o edifício, sinceras rugas preocupadas no alto da testa.

O pequeno vendedor perscrutou as nuvens, cobriu os olhos com as mãos encardidas para protegê-los de um resto de solzinho que se acabava por trás das montanhas e gritou: Olha lá, eu vi! Deve ser um avião, completou uma senhora grávida e grave. Avião rápido assim nunca vi, isso é mais é coisa de marciano, replicou o jornalista, que saíra de sua banca e também olhava o céu com ar guerreiro. Diz que houve um crime nos sexto andar, explicava uma adolescente para o senhor de óculos que aportara uns minutos antes. Um baixinho de bigode, com cara de professor, começou a explicar, como quem dá aula: Segundo farta documentação da NASA e outros órgãos ligados às pesquisas espaciais, a existência de objetos voadores não-identificados... mas não concluiu sua lição, porque um vereador lhe tomara o lugar no bolo, valendo-se de sua autoridade legislativa e de algumas cotoveladas.

Um dos sujeitos que estavam ali antes de Afonso, rapazola com roupa de motoqueiro, nem mexia um músculo, apenas suspirava fundo, os olhos vidrados no infinito. O outro torceu a cabeça para trás e, na condição de observador mais antigo, comunicou à massa reunida à sua volta: Parece que vão tirar o cadáver agora. Ao ouvir isso uma lourinha agarrou-se ao vendedor de pasteis, mas, tendo percebido pelo olfato o erro de pessoa, virou-se para o outro lado e abraçou o namorado, soluçando.

Alguns estudantes acabaram de encher a calçada, agora toda tomada de gente, desde a beirada da rua até a entrada da loja, lá atrás. Todo mundo de queixo levantado, cada um querendo ver melhor do que o outro. Um militar presente ordenou que as crianças se retirassem, a coisa ia ficar feia de se ver, avisou, montado em sua experiência de muitas batalhas nunca disputadas. Mas ninguém lhe deu atenção. Até agora não saiu ninguém do prédio, informou uma voz perdida no meio do povo. Um dos estudantes respondeu com ar de desprezo: Só pode ser que a polícia interditou o prédio, né, cara?

Nesse exato momento, parou em frente um Fusca da polícia, de onde saíram dois guardas. Um disco-voador saindo e entrando atrás das montanhas, o gay Dodozinho se apressou em esclarecer, ciente do direito natural dos dois recém-chegados às informações. Um deles, mal saiu do carro, sentenciou: Que disco, que nada, só pode ser algum avião desgovernado. Soltando fumaça daquele jeito?, atreveu-se a discordar uma estudante.

Três mendigos, interrompendo a sua faina, vieram verificar com os próprios olhos. Um deles, cego de nascença, queria porque queria apostar que no alto da montanha havia, sim, mas um grupo de excursionistas. De repente acercou-se do grupo um casal de namorados, ambos com o olhar pra lá de Marrakesh e, ainda que mal pudessem levantar as cabeças, acrescentaram sua explicação: Qual é? É tudo estrela caindo, maravilha, beleza pura, gentes! Chuva de estrelas! É agora, a mulher tá saindo! gritou o engraxate. E, de fato, uma senhora acabara de sair do prédio, mas, vendo a multidão em frente, juntou-se a ela e ficou a olhar para o alto. E eu sei de nada! foi tudo que respondeu ao policial que tentou interrogá-la.

O empurra-empurra era grande. Afonso já estava pensando em desistir quando uma janela se abriu no 5º andar, do outro lado da rua. Apareceu uma jovem na moldura, balançou a mão de um lado para outro, como a dizer que não. O rapaz com roupa de motoqueiro deu um soco no ar, falou um palavrão e foi-se embora. O grupo foi então se dispersando, cada um tomando seu caminho, sem que o disco-voador pousasse, sem que nenhum crime fosse apurado, sem que, afinal, o mundo se acabasse.